



Apresentação

Entre os dias 12 e 14 de novembro de 2012, aconteceu na Faculdade de Ciência e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (FCT/UNESP), a segunda edição do Seminário Internacional sobre Microterritorialidades nas Cidades, que contou com a cooperação financeira da FAPESP, CAPES, FUNDUNESP, PROPG/UNESP e do Programa de Pós Graduação em Geografia da FCT/UNESP.

Estavam envolvidos na organização deste evento, o Prof. Dr. Nécio Turra Neto, que coordenou a comissão organizadora local, e os professores Benhur Pinós da Costa da UFSM, Carlos Eduardo dos Santos Maia da UFJF, Rosemere Santos Maia da UFRJ, Cláudia Luisa Zeferino Pires da UFRGS, bem como o então doutorando em Geografia da USP Rosemberg Ferracini.

Nesta edição do evento, definimos como temas das mesas redondas os seguintes:

- 1 – Espaços Públicos;
- 2 – Movimentos Sociais;
- 3 – Aportes Teórico Metodológicos ao debate das Microterritorialidades.

O evento contou com 155 inscritos, divididos entre as seguintes categorias:

- 90 alunos de graduação;
- 40 alunos de pós-graduação;
- 15 professores universitários e demais interessados.

Ao todo, foram 56 trabalhos inscritos, dos quais 37 foram aprovados pela comissão científica, sendo 27 deles efetivamente apresentados, dos quais, os trabalhos que foram melhor avaliados pela comissão científica do evento foram selecionados para compor este número temático do Caderno Prudentino de Geografia.

O texto **Goiânia — um mosaico imaginário: modernidades e micro-tempo-territorialidades**, de Valéria Cristina Pereira da Silva, apresenta uma inspiradora

abordagem da cidade de Goiânia, em busca do “tempo ausente” de uma cidade planejada e projetada no interior do Brasil, cuja memória foi uma criação intencional incrustada na paisagem. Mas, esta cidade, já com seus 80 anos, tem sido objeto de uma imaginação poética, que a autora persegue, esperando nela encontrar um imaginário desta cidade e uma percepção sobre sua temporalidade. Goiânia, cidade amarela, segundo a autora, dividida entre a modernidade que se projeta e a tradição do cerrado brasileiro, que remonta ao período colonial é tematizada na prosa de Valéria, a partir dos versos de poetas e suas metáforas. Na maior parte das vezes, aparece como uma cidade sem nome, oculta, genérica, que poderia ser qualquer outra cidade, não fosse a sua combinação com as cores, os cheiros, as poeiras das estradas de terra que trazem referências à realidade local.

O texto, **Território de Rastros: um caminho pelas transformações urbanas de Araçatuba-SP**, de Evandro Fiorin, traz uma perspectiva histórica sobre as mudanças no centro da cidade de Araçatuba, tendo como foco da análise a linha férrea e a estação ferroviária. Presença desde a origem da cidade, a linha férrea e a estação estruturaram o centro, que se apresentava como a imagem da cidade que se queria deixar para o viajante. A desativação desta matriz de transporte e sua substituição pela matriz rodoviária, acompanhando mudanças mais profundas na economia regional e nacional, levaram a cidade a reorganizar seu espaço central, com remoção dos trilhos e refuncionalização das estruturas ligadas à ferrovia. Uma reflexão sobre a memória da cidade, sua constituição através das permanências na paisagem do tempo, mas também sua invenção recente, pelos urbanistas que escolhem o que deve permanecer e como deve ser usado dá o tom do texto.

O texto, **A(s) territorialidade(s) de Fortaleza/CE (2002-2012): a cidade, governo, grupos sociais, o plano diretor e a copa do mundo**, de Victor Iacovini e Maria Clélia Lustosa Costa, apresenta uma discussão sobre territórios do ponto de vista dos principais agentes produtores do espaço urbano, em disputa: o mercado imobiliário, o Estado e os movimentos sociais urbanos. Traz um minucioso relato dos embates destes diferentes agentes no processo de elaboração do Plano Diretor Participativo de Fortaleza, entre 2006 e 2009, quando se fizeram esforços de adequar a política urbana da cidade às exigências do Estatuto da Cidade. Para os autores, nesse processo negociado, todos os agentes tiveram ganhos e perdas, mas o balanço é positivo, visto que os setores populares, com sua territorialização pautada no uso e não na troca, sempre estiveram de

fora do processo. Contudo, recentemente, a incorporação de Fortaleza ao circuito das cidades que serão sede dos jogos da copa do mundo de futebol de 2014, tem quebrado o pacto estabelecido, em benefício do Estado e do mercado imobiliário, promovendo autoritárias investidas contra a territorialidade popular. Um movimento em que o planejamento estratégico está suplantando o planejamento participativo.

Em **Territorialidades alteradas: movimento periférico como forma de transformações territoriais**, Diego Elias Santana Duarte discute o processo de formação da metrópole paulista e de constituição da sua zona sul, um espaço segregado e com os piores índices sociais, segundo o mapa da exclusão/inclusão, da cidade de São Paulo. É neste contexto que situa o Capão Redondo como o bairro onde identifica uma estratégia de territorialização de um movimento juvenil, pautado no hip-hop e que pode trazer novas referências para elaboração de identidade de sujeitos sociais ali situados. Apesar do autor oferecer poucos elementos para apreensão deste movimento e de seu papel, tece um conjunto de questionamentos que são bastante relevantes para o debate das microterritorialidades nas cidades.

Lana Cavalcanti, no texto **Jovens escolares e a cidade: concepções e práticas espaciais urbanas cotidianas**, aborda os territórios nas cidades a partir da perspectiva do ensino de Geografia. A cidade é tomada como objeto de um ensino que objetiva formar o cidadão para a cidade. Para quem se ensina? O sujeito em questão é o jovem, aquele que se territorializa de formas diversas, que se apropria com seu corpo e seus grupos dos espaços da cidade, produzindo-a material e simbolicamente. Traz resultados de uma pesquisa em desenvolvimento com professores de Geografia e jovens escolares sobre as práticas de ensino da cidade e os saberes sobre a cidade de Goiânia.

No texto **Os jovens e a cidade: das práticas espaciais às redes de sociabilidade e a constituição de territorialidades**, Lucineide Pires e Flávia de Paula trazem um panorama de jovens universitários do interior de Goiás. Moradores de cidades pequenas, estes jovens tecem um cotidiano entre a Universidade, a família, o emprego e a cidade. Suas formas de territorialização mais especificamente juvenil, aquela que se dá nos espaços e tempos de lazer e diversão, são limitadas pela materialidade urbana que têm a disposição para realiza-los. O estudo aponta para um debate necessário no âmbito dos estudos de juventude: o lugar em que a juventude acontece joga um papel importante na forma como ela acontece? Nesse sentido, podemos perguntar se haveriam tantas

juventudes quanto contextos de realização, ou se poderíamos traçar a partir de um conceito genérico alguma avaliação da incompletude da juventude em certas condições?

Fernanda Aparecida de Souza, no texto **Presidente Prudente: um estudo sobre os tempos e espaços da sociabilidade juvenil das gerações de 1950 e 1970**, a partir das ideias de sociabilidade e de geração, procura reconstruir a história da cidade de Presidente Prudente, a partir das transformações nos espaços, tempos e práticas da sociabilidade juvenil ao longo de duas décadas. As mudanças identificadas apontam para transformações mais amplas na cidade e na sociedade local. Ao mesmo tempo em que a condição juvenil foi paulatinamente se tornando mais presente na cidade, mais as opções de espaços de diversão e mais as práticas aconteciam à noite, marcando espaços e tempos especificamente juvenis.

A relação entre as espacialidades de jovens do sexo masculino e a morte por homicídio na cidade de Ponta Grossa – Paraná, de Fernando Bertani Gomes, Joseli Maria Silva, Aline Ansbach Garabeli, é um texto construído com base num denso levantamento de documentos junto a inquéritos policiais, em busca de casos que apontassem a relação entre jovens homens e homicídios. Elaboram um argumento que relaciona masculinidade, espaço e vidas em risco, demonstrando como estas dimensões estão articuladas na maioria dos casos. Assim, um perfil médio das vítimas de homicídio na cidade de Ponta Grossa remete à condição de jovens, do sexo masculino, moradores de bairros da periferia pobre da cidade, muitos dos quais ligados ao universo das drogas.

Pelos Olhos Dela: as relações entre espaço, violência e a vivência travesti na cidade de Ponta Grossa – Paraná – Brasil, texto de Vinicius Cabral, admite que os travestis são os sujeitos que mais explicitamente afrontam a ordem heteronormativa. Enquanto profissionais do sexo, territorializando-se nas ruas da cidade, são também os sujeitos que mais expostos estão à violência da sociedade. Dados apontam para a rua como o espaço em que mais acontece homicídio de travestis e apontam que os travestis mortos são, na sua grande maioria, profissionais do sexo. Para explorar estas relações entre espaço e violência, apresenta diversos relatos de travestis de Ponta Grossa, em que a presença da violência é uma constante, a tal ponto de ser um dos elementos definidores de sua identidade e que lhes obriga a uma sagacidade defensiva.

No texto **Territorialidades na parada LGTB em Juiz de Fora**, Raphaela Granato Dutra apresenta uma detalhada descrição da parada do Orgulho Gay de Juiz de Fora, em que microterritórios se constituem no espaço mesmo da festa, entre o público

mais amplo e os grupamentos homoafetivos, que são os principais protagonistas. Os próprios trios elétricos da festa apresentam uma lógica na sua disposição e nas suas formas de ocupação que denunciam microscópicas relações de poder, que se projetam em apropriações frontais e traseiras dos trios. São microterritorialidades sutis, mas que comunicam muito das hierarquias e diferenciações estabelecidas entre os participantes.

Estes textos, que compõem este número espacial do Caderno Prudentino, nos dão um panorama do que o tema das microterritorialidades nas cidades tem abarcado: uma diversidade de sujeitos sociais, de espaços e tempos de encontro, negociação, conflito. Sujeitos reconhecidos em suas diversidades socioculturais e em suas desigualdades econômicas e em termos de relações de poder, tais como gênero, idade, cor da pele, vinculação religiosa, orientação sexual, entre tantas outras clivagens que marcam a pluralidade das nossas cidades. Os estudos procuram abordar esta diversidade a partir da sua espacialidade, das formas como se territorializam e negociam a cidade em que estão inseridos. Trazem uma reflexão sobre a espacialidade sempre negociada dos sujeitos sociais, quanto das perspectivas de abordagem.

É importante lembrar que, talvez, nem todos os trabalhos aqui reunidos fossem aprovados num processo regular de submissão ao Caderno Prudentino, contudo, como expressão do que foi discutido no evento e como forma desta discussão ganhar maior visibilidade (o que não é possível unicamente com a publicação dos anais), a revista respeitou os pareceres emitidos pela comissão científica. Claro, alguns destes trabalhos apresentam reflexão de maior envergadura e trazem significativa contribuição ao debate. Outros, contudo, são ainda muito preliminares, sem que isto signifique que não tragam nenhuma contribuição. Pelo contrário, apresentam temas, formas de abordagem, estratégias metodológicas que em muito evidenciam os caminhos que estão sendo trilhados no contexto do debate das microterritorialidades. Muito Boa Leitura!

Nécio Turra Neto